

# IDEOLOGIA, ÉTICA PERSPECTIVISTA E SOCIALISMO MICROFÍSICO

Thiago Mota<sup>1</sup>

Marx define *ideologia* em sentido estritamente negativo, isto é, enquanto conceito polêmico, instrumento de luta social no plano teórico, como uma forma falsa de consciência (a consciência alienada), uma forma de conhecimento ilusório, cuja função é a manutenção de certo *status quo*, a manutenção da dominação de uma classe sobre outra. Ideologia é assim um instrumento de dominação no nível das mentalidades, das consciências, dos discursos, um instrumento discursivo de dominação e precisamente aquele de que se serve a burguesia para manter seu domínio sobre o proletariado no interior do sistema capitalista.

Uma das coisas que Marx tem em mente ao falar de ideologia é o *idealismo alemão*, isto é, a filosofia desenvolvida por Fichte, Schelling e Hegel, na Alemanha do século XIX. O idealismo alemão representa uma forma de ideologia ao proceder a uma inversão: os fatores de ordem econômica são tomados como determinados pelo movimento histórico da consciência que se realiza num plano ideal, o da efetivação da razão. Marx entende que, pelo contrário, são as condições econômicas que se apresentam em uma dada sociedade, seu modo de produção específico, a maneira como se articulam as forças produtivas (meios de produção e força de trabalho) e as relações de produção (relações entre proprietários e não-proprietários), os fatores que

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia e Professor do Curso de Filosofia/UECE. E-mail: Thiago.mota@uece.br

definem a consciência social. Para Marx, é o ser social, a práxis efetiva, o que determina as consciências, as idéias, os valores, a ideologia de uma sociedade.

Em contraposição à ideologia, forma de conhecimento ilusória, Marx considera ser possível a elaboração de uma ciência verdadeira, o *socialismo científico*. A expressão “socialismo científico” foi adotada por Marx e Engels em função de suas críticas ao chamado “socialismo utópico”. Os utopistas, como Fourier ou Saint-Simon, criticavam a sociedade capitalista de um ponto de vista nostálgico, crendo que o passado feudal consistia num modo de sociabilidade mais justo. Propunham então um retorno a um passado utopicamente concebido. Marx e Engels entenderão que a instituição de uma sociedade mais justa somente pode advir de uma evolução do modo de produção capitalista baseado na divisão de classes em direção ao modo de produção comunista em que a divisão de classes será suprimida. A revolução, a tomada de poder violenta, por meio de força armada é o correlato político dessa evolução econômica. Neste sentido a evolução do modo de produção forçaria a revolução. Por esta razão, aliás, a burguesia aparece do ponto de vista marxista como reacionária: ela tenta deter o movimento de evolução econômica. O socialismo científico é, para Marx, a forma verdadeira de conhecimento, a verdadeira história do homem, porque ele se apóia na visão correta da realidade econômica. Esta se torna o fator determinante de toda a vida social. Daí Engels falar em um *princípio da determinação econômica em última instância*.

A esfera da economia, do modo de produção, constitui a base do edifício social, sua *infra-estrutura*, sobre a qual se erige uma *superestrutura* que compreende a estrutura jurídica, composta pelo Direito e pelo Estado, e a estrutura ideológica, que compreende a moral, a política, as ciências, a filosofia, a religião. A superestrutura visa garantir a manutenção do modo de produção e assim as relações de dominação entre a classe proprietária e a classe dos não-proprietários. A dominação não se mantém apenas pela força armada ou policial, mas e, sobretudo, pela ação de um discurso que constitui a visão de mundo tida como certa. Ela é especificamente dominação ideológica porque atua no nível dos conceitos, das idéias, dos valores e das normas pelas quais se pensam e se orientam numa dada sociedade numa dada época.

Mas a ideologia não é apenas uma visão de mundo, um erro ou engano, ela é uma forma conhecimento manipulador, o conhecimento utilizado com uma função estratégica e a serviço de um determinado interesse social. Assim, quando os pensadores liberais, como Smith e Ricardo, elaboram suas teorias acerca das origens do valor e dos motivos das desigualdades sociais, da divisão entre ricos e pobres, eles elaboram uma visão de mundo extremamente conveniente ao interesse social da classe a que eles se vinculam. E isso ocorre ainda que eles não o percebam. Não

é necessário que o teórico tenha consciência do interesse que sua teoria veicula para que ela tenha efeitos ideológicos. De modo geral, se pode dizer que o conceito de ideologia de Marx é um instrumento teórico decisivo porque ele põe em evidência a relação entre teoria e interesse, enfocando a relação básica entre saber e poder e rompendo com uma tradição que remete aos gregos e que entende que a verdade só é verdade se for pura, desinteressada, dissociada das relações de poder. A constatação de Marx da existência de uma dimensão ideológica no discurso, do caráter epistemológico dos interesses, constitui uma ruptura na consciência de si da modernidade que equivale à inscrição da diferença no plano da reflexão político-discursiva. Interesses conflitantes encontram-se entre as condições de possibilidade efetiva do conhecimento, há uma espécie de conflito transcendental para alguém de toda dialética e que é a fonte da diversidade dos conhecimentos, discursos, visões de mundo e ideologias.

A crítica da ideologia conta com dois procedimentos básicos de desmascaramento. O primeiro é o que tem em vista mostrar que a ideologia *universaliza* o que é particular. Dessa forma, o interesse de uma classe, no caso, da burguesia, passa como interesse universal e não como interesse da burguesia. Assim, a ciência burguesa, por exemplo, não é tida como burguesa, mas como ciência enquanto tal, isto é, como descrição e valoração corretas da realidade. Outro procedimento da crítica da ideologia é salientar que a ideologia *naturaliza* o que é histórico. De modo que as relações sócio-econômicas são tomadas como relações naturais que, por conseguinte, não podem ser transformadas pela ação humana no curso da história.

O que Marx diz sobre ideologia nos põe no centro de um debate extremamente interessante do ponto de vista da discussão em comunicação social, debate este que cumpre à filosofia manter em aberto, o debate sobre objetividade, neutralidade, isenção do processo de produção do conhecimento e de circulação de informações. Eis a questão em que a epistemologia e a teoria da comunicação se tocam. A questão é seria possível uma forma de conhecimento puramente objetiva? Seria possível apresentar por meio da notícia um recorte objetivo da realidade? Seria necessário desligar todo conceito e toda notícia de todo interesse? Seria isso possível? E, além disso, qual a finalidade de tal objetividade?

O próprio Marx parece ter respondido a esta questão, entretanto, sua resposta não é satisfatória e por isso eu gostaria de fazer uma crítica. Pois se Marx contrapõe ideologia e ciência e diz fazer ciência, isto é, socialismo científico, enquanto seus adversários fazem apenas ideologia, é preciso que se compreenda a relação entre aquilo que Marx chama de ciência, o socialismo científico, e os interesses sociais. Por certo, ele pretende que o socialismo científico seja uma forma de ciência

engajada, que não omite o interesse social que a orienta, pelo contrário o veicula explicitamente e procura realizá-lo. Marx entende que o socialismo científico é a ciência proletária, isto é, a ciência que fornece a visão de mundo em conformidade com os interesses da classe proletária. Esta, no entanto, não é para Marx ideologia, não é conhecimento ilusório, mas especificamente ciência. Marx (ou ao menos isso é que certas leituras de Marx sugerem) quer dar ao socialismo científico não a mesma forma de objetividade com que a ciência burguesa supunha poder contar, mas uma objetividade ainda maior. Para garantir a objetividade científica de seu próprio pensamento, Marx tem de ou bem desvinculá-lo de interesses sociais, ou bem garantir que o interesse social a que se liga o socialismo científico seja o interesse universal. Em última instância seria possível explicar ao burguês que o interesse que ele defende não é na realidade seu interesse, que ele é no fundo um proletário, ainda que não o saiba. E Engels, que era filho de um industrial alemão embora tenha dedicado toda a sua vida à causa socialista, é justamente o exemplo disso.

Porém, existe um problema nesta saída. Ocorre que não podemos considerar o interesse do proletariado (segundo o *Manifesto comunista*, o interesse dos 9/10 da população contra o 1/10 da burguesia) o interesse universal sem fazer uso de um artifício próprio da ideologia em sentido estritamente negativo, isto é, a *universalização*. Eu diria que essa matemática dos 9/10 contra 1/10 é simplória. Que esses 9/10 não são tão uniformes assim que se pudesse pensar que eles têm um único interesse, para que se pudesse universalizar seu interesse. Este pode até ser o caso quando se vive o momento de um levante revolucionário, mas na maior parte do tempo e, sobretudo, depois da eventual eclosão da revolução a unidade de interesse da classe revolucionária se dissolve, se multiplica e se polariza. Em uma palavra, a revolução não pode pôr fim aos conflitos que parecem ser inerentes à vida social. Uma teoria social que descreve uma sociedade passada, presente ou futura não o faz sem suprimir dessa mesma sociedade uma dimensão que é nela determinante, a dos conflitos sociais. A luta, não necessariamente a de classes, é e continuará a ser o motor da história em todos os níveis, da produção econômica à produção das idéias, e a instituição revolucionária de uma sociedade sem classes não seria capaz, nem mesmo em hipótese, de transformar a história das lutas, numa história da paz eterna. Isso é messianismo, o conteúdo místico, religioso que se esconde no fundo da ciência atéia dos marxistas, como Benjamin soube bem salientar.

O problema está em Marx atrelar o socialismo a uma concepção universalista de ciência e de verdade que não é necessária, no sentido de que não é a única concepção de verdade possível, nem é a mais útil, no sentido de que não serve às lutas em que nos engajamos. Afinal, não precisamos

da verdade universal para lutar, não é pela verdade que lutamos, mas por um interesse, por uma verdade, isto é, por uma vida mais plena, mais ativa, mais intensa. Lutamos por mais vida e não pela verdade. O problema de Marx é, portanto, epistemológico, reside na vinculação de Marx a uma epistemologia que ainda trabalha com verdades universais.

Eu diria que a verdade, a teoria, o discurso, está sempre ligado a um interesse e nessa medida se articula sempre como um instrumento de poder, como uma arma de luta. Falaríamos então e, sobretudo no campo da política, de armas discursivas e de batalhas discursivas. Um discurso é uma representação da realidade, um recorte de um todo que não podemos captar em sua inteireza. Esse recorte não se faz arbitrariamente, mas em função de um interesse. Nesse sentido, todo conhecimento, toda verdade, toda ciência é ideológica. Não precisamos contrapor ciência a ideologia, discurso ideológico a discurso não-ideológico, a pureza da verdade ao lamaçal dos interesses. É legítimo ter interesses e lutar por eles. É legítimo apresentar a realidade em função de seus interesses, a partir de sua perspectiva. Dado que não há perspectiva única, que não é possível que todos olhem o mundo a partir de um mesmo ponto de vista, estas perspectivas estarão sempre em combate. Verdade é a resultante dessas interações conflituais entre perspectivas e como tal ela jamais será desvinculada do poder, das relações de poder. Há uma trama de relações de poder na base de articulação de todo discurso, de toda verdade.

Existe, entretanto, uma diferença básica entre perspectivas. Há aquelas que expõem o interesse que as orienta e aquelas que tentam escamotear esse interesse para se fazer valer. Embora eu não tenha referido anteriormente, esse escamoteamento, essa ocultação, é um dos mais potentes mecanismos ideológicos que existem. Se as relações de poder são escamoteadas por um dos pólos da relação, este tem chances de fazer prevalecer seu interesse de modo quase absoluto. O modo por excelência de absolutizar o poder que existe em uma relação é omiti-lo, agir como se não se tratasse de uma relação de poder. Cumpre à crítica denunciar tais escamoteamentos onde quer que eles ocorram, fazendo ver o conteúdo agonístico que propositadamente ou não esteja latente na relação.

De outro lado, cabe propor algo e sempre se propõe algo quando se concebe um recorte da realidade, uma perspectiva, um conceito, quando se elabora uma notícia ou uma reportagem. Ético, neste caso não é ser isento, objetivo, neutro, mas ter consciência do interesse a que nos vinculamos e trazê-lo à tona. É mais legítimo dizer a que viemos sem subterfúgios e apresentar o mundo de nosso ponto de vista, de modo sincero, ainda que isso possa parecer por vezes uma atitude cínica. Essas são pistas para a elaboração de uma ideologia, no sentido positivo de um quadro de orientação

contendo diretivas de ação, que ainda está por ser feita, uma ideologia que vincula uma *ética perspectivista*, aplicável tanto à prática de cientistas sociais quanto de profissionais da mídia, a um *socialismo microfísico*, cuja matriz de atuação deixa de ser a classe proletária para se tornar, por exemplo, o devir minoritário dos trabalhadores sem-terra.